



## CURSO DE LATINO-AMERICANO DE FORMAÇÃO PASTORAL

**Reacender a esperança e superar os medos:  
Um compromisso pastoral e social**

São Paulo, setembro de 2023.

# Reacender a esperança e superar os medos: Um compromisso pastoral e social

## Apresentação

As transformações políticas e econômicas vivenciadas na América Latina, no Caribe e na África nos últimos tempos, não mudam apenas os circuitos de bens materiais, mas mudam, sobretudo, o circuito de afetos que produzem corpos políticos, individuais e coletivos. Reviver, reacender e reinventar a esperança no âmbito das igrejas e das pastorais é mais que um desafio, é uma necessidade básica frente à conjuntura de medo, dos extremismos políticos e religiosos, das polarizações políticas e do ódio. Conjunturas políticas têm quebrado circuitos de afetos que imperavam até então, desamparando os seres humanos de seus ritmos e decompondo seus corpos políticos existentes

Reviver e reinventar a esperança no contexto das igrejas e da pastoral é mais do que um desafio, é uma necessidade fundamental diante do medo, do extremismo político e religioso, da polarização política e do ódio. Pensar novas dinâmicas de ação pastoral e social pressupõe a renovação dos modos de compreender o processo de formação dos sujeitos políticos. Portanto, pensar o processo de constituição de sujeitos agentes da pastoral, com potencial de transformação, é um grande desafio que temos pela frente na contemporaneidade.

A pastoral não pode mais ser colocada em uma posição de neutralidade diante de fatos políticos que afetam diretamente a vida das pessoas envolvidas na comunidade ou mesmo fora desse circuito pastoral das igrejas cristãs, porque as religiões não cristãs são todas consideradas irmãs, mesmo com modos diferentes de viver sua espiritualidade. Orientar uma política e pastoral de reparação dos afetos e construção de vínculos fraternos é mais do que um desafio, é uma necessidade importante e urgente.

Diante dessa urgência, em 2023, o Curso Latino-americano de Formação Pastoral teve como tema *Superar os medos e reacender a esperança: um desafio para igrejas e pastorais* e foi realizado de 06/08 a 08/09/2023. Em uma rica experiência de formato híbrido, o curso buscou satisfazer o desejo de retornar ao curso presencial, mas garantindo um espaço de formação para pessoas que não puderam estar presentes, mas que sentiram a necessidade de aprofundar o tema proposto.

A metodologia da Educação Popular que, no curso, tem Paulo Freire como principal referência, buscou traçar o caminho da escuta, valorizando os saberes de cada participante e conselhos, bem como a sistematização da aprendizagem, na forma de um texto reflexivo, construído coletivamente.

Para a construção do texto, iniciamos com a reflexão individual sobre os temas do curso, debate em pequenos grupos sobre os três temas a serem abordados no texto (contexto, ações realizadas e compromisso com o curso), registro dos pontos comuns de cada grupo, socialização com todo o grupo de participantes, elaboração do rascunho do texto e revisão pelos grupos.

Considerando o limite temporal, o texto traz uma síntese do que marcou o grupo neste curso, com todos os desafios envolvidos em **assumir coletivamente o compromisso de ser porta-voz da esperança, como participante de processos de mudança, com vistas a um mundo mais justo e fraterno.**

Agradecemos a generosa contribuição das três pessoas que fizeram parte da coordenação ampliada neste curso e que acompanharam os grupos durante o curso, especialmente na elaboração desta cartilha: Kirenia Criado (Cuba), Ignacio Franco (México) e Pablo Torres (Equador).

Cremildo Volanin e Lurdinha Paschoaletto

**CESEEP**

## **Dossiê**

Esta cartilha foi organizada pelo CESEEP, a partir da construção coletiva do texto *Revivendo a esperança e superando medos: um compromisso pastoral e social*, elaborado pelos<sup>1</sup> participantes do Curso Latino-Americano de Formação Pastoral, acompanhado da coordenação ampliada do curso.

### **Coordenador Geral do CESEEP**

*José Oscar Beozzo*

### **Coordenador de Curso**

*Cremildo José Volanin*

### **Suporte a reuniões on-line**

*Angelica Tostes y Lurdinha Paschoaletto*

### **Suporte Técnico Digital**

*Juan Maria Lopes y Maria Betania Claudino (CESEEP)*

*Rinaldo Santos, Felipe de Moraes, Mariano Katanha  
e Maria Renata Munhoz (Rede de Rua de Comunicação)*

### **Infra-estrutura**

*Deonice Ribeiro de Souza*

*Carlos Henrique Santos Lemos*

*Vanusa Gomes*

### **Coordenação de curso estendido (2023)**

*Ignacio Franco (México)*

*Criação de Kirenia (Cuba)*

*Pablo Torres (Equador)*

### **Texto**

Introdução e conclusão = Coordenação do curso

Artigos 1, 2 e 3 = Grupo de alunos presentes e online.

---

<sup>1</sup> Pedimos permissão e desculpas às mulheres e pessoas LGBTQIA+ por usarem apenas o artigo masculino para identificar gênero neste texto. Nossas linguagens ainda não caminharam no sentido de serem inclusivas e contemplarem todas as pessoas, em toda a sua diversidade.

## 1. Medo de quê?

Contextualização dos medos na situação atual

Nossos países vivem há muito tempo condições de desigualdade social, mas, nos últimos anos, isso se aprofundou com o retorno do neoliberalismo na região da América Latina, Caribe e África, com a implementação da redução do Estado nas políticas públicas, venda de empresas estatais, concessão de mineradoras, o retrocesso devido aos cortes orçamentários na saúde, educação, segurança e assistência social. O processo de recuo do Estado e a visibilidade de um capitalismo dilacerante devido ao desamparo do bem-estar em que o povo vive, são vazios que começam a ser vistos em toda a sociedade.

A degradação das conquistas das políticas públicas como os baixos salários dos trabalhadores em relação ao custo de vida, a falta de empregos, a falta de serviços básicos como o serviço de distribuição de água potável para todos, energia elétrica, comunicação popular, internet e muito mais. Essa situação leva à extrema vulnerabilidade e ao êxodo migratório que separa as famílias, atingindo principalmente os idosos. É notório que a concentração de riqueza, a exploração, a marginalização e o descarte de coisas e indivíduos agravam a situação do povo.

Em todo o mundo, a pandemia da COVID-19 gerou medo e preocupação desde a disseminação do vírus, e os impactos socioeconômicos da crise sanitária afetam diretamente a todos, e o que a pandemia fez foi aprofundar e tornar visíveis as desigualdades sociais.

Para além da situação econômica, estamos também a viver o crescimento da destruição da casa comum, da natureza e das culturas. O envenenamento de produtos alimentícios com produtos químicos que ameaçam a saúde, a insegurança das pessoas em termos de políticas governamentais que devem garantir o cumprimento do estabelecido.

Em relação ao trabalho, hoje temos novas formas de escravidão e abuso de poder. A deportação, a emigração forçada por saúde, trabalho, estudos, melhores condições de vida são consequências dessa situação global excludente e violenta, com incentivos ao uso de armas para guerras entre países e entre povos, especialmente os empobrecidos, negros e indígenas.

Os jovens não são vistos como futuro. Não pensem em uma formação ativa e constante nos grupos juvenis. As saídas dos jovens para as cidades e o trabalho no campo recaem sobre uma população envelhecida que, em certa medida, também fica atrás desses jovens que são filhas e filhos.

No campo social, convivemos com mentiras, controle e gestão de informações de culturas e religiões. O racismo, o machismo, o neofascismo, os fundamentalismos, o cristofascismo, o extremismo, a intolerância e a homofobia estão presentes em todas as camadas sociais.

Tão grave quanto a miséria e a violência é o entorpecimento diante das desigualdades, da violência da educação e do uso da religião. Grande parte da sociedade e da igreja se cala diante disso e se indiferente à dor e à miséria em que o povo vive.

Vivemos no mundo, promovendo a falsa comunicação e demonização dos movimentos sociais e organizações de protesto.

No aspecto político, tem experiências culturais religiosas, nascidas como libertadoras e democráticas, mudou em ditaduras e, muitas vezes, dentro do processo chamado democrático, ou seja, vivemos golpes civis, com o apoio da mídia financiada pelo poder econômico e político, não só localmente, mas globalmente. Vivemos também a cooptação das lideranças e dos pobres libertos da miséria que se colocam contra os de sua classe social e também das ameaças ao Estado laico e ao valor de uma única religião por maioria.

O contexto das marcas da guerra ainda é notório em Angola, na medida em que feridas e cicatrizes ainda são visíveis no modo de ser e ter. Embora tenhamos adotado o regime democrático, é uma democracia ainda na puberdade, onde o medo da liberdade de expressão e opinião limita a ação das pessoas.

Há países da América Latina onde há violência com grupos do crime organizado, medos e mortes. Convivemos com a tensão de sermos vítimas de qualquer tipo de violência, já que não é algo distante se você não vai bem, a gente vê isso cada vez mais perto.

No caso do Equador, apesar de tudo o que acontece na política, há o medo: a) de andar livremente na rua devido à violência do narcotráfico e do crime comum; b) o desemprego e o futuro de uma economia que sofreu golpe atrás de golpe desde o governo anterior, agravada pela pandemia; c) narcopolítica que está contaminando as mais altas esferas das instituições do Estado, como o Executivo, o Judiciário, as polícias e as forças militares; d) a perda de direitos como educação, saúde, liberdade, comunicação, entre outros. Na esfera religiosa, a intolerância aumentou significativamente, desta vez patrocinada principalmente por grupos de poder, setores políticos de direita e extrema direita, como governos neofascistas, que fomentaram o surgimento de novas igrejas fundamentalistas que dificultaram o diálogo inter-religioso, com graves consequências para a violência, a deterioração dos valores humanos. Tudo isso denuncia a falta de sentido da vida, planos truncados, perda do simbolismo do modelo social e sua deterioração.

Estamos vivendo uma regressão da Igreja Católica Romana. Não há acompanhamento do povo em suas lutas. Há uma distância em termos de organização e participação da igreja no popular. A incorporação de uma liderança mais jovem nos espaços eclesiais não garante a continuidade do trabalho, mas radicaliza o trabalho que vem beneficiando a comunidade por ser obsoleto e não recomendá-lo para estes tempos, reconhecendo assim sua contribuição para o trabalho. As pessoas comunicam esses medos porque são práticas que continuam prejudicando a comunidade.

A frustração na exortação a mudanças e não encontrar soluções, um cansaço histórico, a partir das experiências políticas e sociais que estão enfraquecidas. A desesperança vivida pela sociedade que nos desafia a buscar alternativas para reacender a esperança.

## **2. Superando o medo e enfrentando desafios**

O que fazemos em nossas comunidades e movimentos para enfrentar os medos?

Um caminho que temos buscado muito timidamente é o caminho do diálogo, principalmente com organizações que cuidam do nosso povo, organizações religiosas, igrejas, de movimentos sociais, entre jovens, com crianças e adolescentes, com suas famílias, embora com pouco resultado. Incentivar o diálogo aberto e honesto para discutir medos e problemas e/ou preocupações e promover espaços de discussão para que todos possam participar e expressar suas opiniões e alternativas para a solução de problemas.

Em muitos lugares, estamos desenvolvendo espaços de formação e apoio emocional, tanto para líderes quanto para agentes envolvidos, para que possamos enfrentar esses medos e desafios como público interno, com temas sobre recuperação psicológica e espiritual, esperança, sentido da vida e discernimento como prática diária. Além disso, oferecemos recursos e ferramentas para enfrentá-los (empoderamento) e criar oportunidades para que as pessoas se tornem agentes de mudança em suas próprias comunidades; de forma especial, estudar a Bíblia através da leitura popular, tendo como chaves de leitura, espiritualidade, medos, esperanças, descolonização para recuperar o significado de alguns símbolos e repensar outros.

Em algumas igrejas também estão sendo realizadas atividades pastorais e sociais para a distribuição de sopa comunitária para pessoas vulneráveis e muitos outros grupos que atuam no campo social. Em alguns países como Angola, por exemplo, isso acontece em colaboração com o governo.

Em muitos lugares atuamos em espaços locais, conhecendo e resgatando histórias, experiências e depoimentos de pessoas. Sabemos que o caminho para essa mudança é a restauração da dignidade das pessoas e isso acontece de diferentes formas, principalmente por meio da autonomia, identidade, autoestima elevada e, principalmente, por meio de sua independência financeira, social e religiosa.

Também aprendemos a nos comunicar – é necessário exercitar a comunicação de forma eficaz para resolver conflitos. Conhecemos nossas capacidades e, por isso, temos um trabalho constante em termos de liderança e suas práticas, um trabalho de empoderamento com as mulheres. Aproveitamos os espaços de formação e aprendizagem para colocá-los a serviço da comunidade, em trabalhos de conscientização, palestras e encontros com adolescentes.

Temos a responsabilidade de oferecer formação bíblico-teológica e formação pessoal em outros espaços acadêmicos. Também buscamos criativos em nosso trabalho com diferentes grupos. Buscamos incentivar novos projetos, com iniciativas populares onde são pensadas e organizadas questões que ajudam no bem-estar da comunidade. Iniciativas para fortalecer identidades e lutas e a educação de jovens e famílias.

Em relação à pandemia, as ações da igreja foram mais de acompanhamento às famílias e também algumas atividades de fortalecimento espiritual foram realizadas. Em relação à violência, o trabalho é feito a partir da pertença da Igreja e da juventude, inculcando valores.

Em diferentes lugares reunimos vários setores e eles expuseram a situação, temos que saber qual foi a experiência deles e as situações pelas quais passaram. Houve também assistência às comunidades pobres e invisíveis, acolhendo os que sofrem, buscando sempre um caminho sinodal, preparando boas formações, multiplicadores da Boa Nova sempre em unidade com o Evangelho. No caso da Igreja Católica, a ênfase é dada à Doutrina Social da Igreja e às mensagens do Papa Francisco.

Em alguns países da América e da África, mesmo que ele perceba medos ao articular ações entre centros ecumênicos. No entanto, em muitos lugares, o relacionamento ecumênico ocorre na base, nas relações das pessoas em seu cotidiano social.

Para superar os medos da guerra (em Moçambique), demos apoio psicossocial, moral e espiritual, a fim de superar seus medos e permitir o renascimento da esperança de uma vida plena através da proteção de Deus nosso criador.

Buscamos sempre a busca contínua pelo diálogo, promovendo rodas de conversa, buscando descobrir projetos arquivados na prefeitura cujo conteúdo seja benéfico para a população carente. Os medos têm sido combatidos com muitos estudos (conferências e seminários), em áreas e grupos alvo ou prioritários, que são os jovens e os adolescentes.

Ao reunir todos os depoimentos do grupo no curso presencial e online, descobrimos que fizemos muito pouco. Temos sido muito passivos no recebimento de informações. Nem sempre os espaços eclesiais ecoam essa realidade. Na comunidade base do bairro, cria-se um espaço em que os medos são expressos e buscamos respostas nas leituras da Palavra. Também é possível expressar solidariedade e apoio às famílias que foram feridas pela violência. No caso da violência contra a mulher, como os feminicídios, ainda há pouco acompanhamento que damos socialmente.

### **3. Reacender a esperança**

O que pode ser feito para reacender a esperança nos movimentos pastorais e sociais?

Tendo em vista tudo o que foi relatado em um contexto geral, com algumas nuances de países específicos, assumimos compromissos pessoais e compromissos comuns a todos aqueles que participaram deste curso.

#### **a) Compromissos pessoais**

Assumir o compromisso de agir com compaixão, empatia e solidariedade ao interagir com as pessoas com quem trabalhamos, a partir de sua própria identidade, com um olhar diferente e alternativo para a realidade vigente.

Participar da luta social contra a exclusão e resgatar a dignidade humana, criar ideias que construam o novo país sem preconceitos sociais ou raciais e que promovam a emancipação das pessoas, especialmente das mulheres e da comunidade LGBTQIA+.

Compartilhar com outras pessoas as experiências que vivemos é gratificante e dá uma sensação de esperança. Pratique o bem cotidiano, chame-nos a uma convivência harmoniosa como seres humanos. Seja empático e paciente com todos.

Use o canto e a arte em geral, como forma de promover a esperança. Semear sementes de esperança em terrenos baldios.

Não perder as raízes da memória e o espírito de profecia. Não permitir que a luz da fé e da esperança se apague e assuma o compromisso de cuidar das espiritualidades.

Ser perseverante e constante no que fazemos coletivamente. Trabalhar juntos e sem exclusão fortalecer a união e animar o compromisso o que faz você feliz quando pensa e faz isso juntos.

Não se contentar com a situação atual de miséria, violência e morte dos empobrecidos. RESISTIR e LUTAR. Não soltar a mão de ninguém, juntar-se a outras pessoas e grupos nas lutas por direitos (etnia, religião, gênero...). Resistir sempre e nunca usar as armas dos opressores.

Viver com liberdade os afetos, a fé, as espiritualidades, pensando a partir dos afetos, sentimentos e tradições culturais e familiares. Não desistir da alegria, da festa, da beleza, da arte, comemorar, apesar de todos os entristecidos. Não abrir mão da nossa paz interior para viver plenamente com um todo. Rer o evangelho, valorizar a vida, a da nossa família e a do próximo.

Participar ativamente dos espaços presenciais e virtuais, e fazer parte de processos de conscientização, incentivando uns aos outros a serem presença e voz, promovendo e participando de ações coletivas, pacíficas e corajosas, de resistência e positividade para a mudança dessas duras realidades.

Olhar para a realidade não só de forma negativa, mas ver o bem que há em muitos lugares. Divulgar e gerar mais esperança a partir desses pequenos gestos e ações que estão sendo feitas. Trabalhar, cuidando-se e cuidando de outras pessoas para recuperar nossa espiritualidade e força. Trabalhar os valores fundamentais para o bem viver ou viver bem.

#### **b) Compromissos comuns**

Educar para a fraternidade, para a justiça, para a solidariedade em todos os espaços educativos, sociais e eclesiais.

Criar espaços de capacitação, promovendo a criação de centros de treinamento que nos ajudem a conhecer nossos direitos de reivindicação dos governos. Além disso, criar centros de aconselhamento para

dependentes químicos para facilitar a sua reintegração na vida diária normal. Convidar parceiros que alimentem esperanças conosco.

Realizar uma formação integral permanente, numa perspectiva de consciência coletiva e participação cidadã ativa em seu próprio destino, buscando o Bem Viver.

Promover uma cultura e ações de solidariedade que envolvam a comunidade, grupos, jovens, sobretudo crianças, para descobrirem juntos formas de sobrevivência, mudando assim a compreensão da vida na sua coletividade e não no individualismo, mesmo que seja "uma gota de água no oceano".

Na estrutura pastoral, dar destaque aos leigos. Continuar com as ações, a partir da corresponsabilidade, incorporando conscientemente o cuidado com o simbólico. Fortalecer ou nutrir um ministério relacionado à migração, dada a situação difícil que este problema exige.

Conscientizar sobre o cuidado com a natureza e cuidar de desejos bem separados para um melhor aproveitamento da reciclagem. Promover o sentimento de pertencimento e responsabilidade com a nossa mãe natureza.

Recuperar a prática dos ecumenismos nas ações cotidianas, nos espaços de formação e nas lutas populares. Criar espaços e se apropriar da espiritualidade libertadora como cristãos socialmente comprometidos. Valorizar e retomar o voluntariado social, olhando para fora das igrejas.

Articular o trabalho de grupos religiosos com outros atores, como a academia e a universidade da terra para fortalecer o trabalho ecológico. Aproximar os acadêmicos da realidade socioambiental. Que cada espaço de participação tenha um olhar para o ecológico, o social e as pessoas.

Promover e incentivar nas comunidades de fé, a leitura popular da Bíblia na chave da libertação e não do medo. Retomar a leitura libertadora nos movimentos sociais, nos processos de educação popular. É preciso um trabalho constante de conscientização sobre a luta como estratégia, para exercer mudanças.

Marcar presença em espaços políticos, fé e grupos políticos, análise de conjuntura, defesa dos direitos humanos, movimentos sociais, conselhos de participação popular e se reconhecer nas pequenas luzes. Criar espaços de diálogo e defender os direitos de todos.

Apoiar, como militantes pastorais e sociais, a luta e resistência à igualdade na articulação diante de grupos descartados, perante a sociedade, mulheres, crianças, jovens, camponeses, migrantes, doentes, idosos, etc. Recomeçar sempre a partir da última. Construir conscientização, treinamento básico, investir na organização, no cuidado e na contenção do psicológico.

Nosso compromisso é continuar com os encontros e não deixar pessoas que passam por situações difíceis sozinhas. Prestar especial atenção aos jovens que conhecem a sua situação particular, para que se sintam incluídos e não caiam na tentação de gangues criminosas ou drogas.

Fortalecer e democratizar os espaços de comunicação, informação e reflexão popular, numa nova perspectiva de comunicação, com participação ativa das comunidades e movimentos sociais.

Sistematizar experiências de comunidades e igrejas a fim de marcar o tempo da história, numa perspectiva de registro e divulgação das ações promovidas em favor e junto às pessoas.



## Esperançar sempre!

Essa conclusão é provisória e traz breve análise da *coordenação ampliada do curso* sobre a contribuição dos participantes durante o processo de sistematização. O retorno às perguntas feitas foi relevante, tanto das pessoas do curso presencial quanto das pessoas que participaram virtualmente.

Aqui destacamos alguns aspectos que chamaram a atenção nas respostas e na síntese dos grupos:

1. Muito do que é indicado em cada um dos grupos é relatado nos demais e, dentre eles, o que mais aparece em relação ao contexto geral é a desigualdade social que gera desemprego, fome, miséria e violência.

As pessoas também se assustam com a questão política da forma como ela está sendo exercida em muitos países, com a expansão de grupos de ultradireita e o fascismo, que espalham ódio, mentiras e expõem concepções e opiniões favoráveis à violência e à morte contra grupos, como negros, indígenas, mulheres, LGBTQIA+ e religiões de matriz africana.

No campo religioso cristão, as pessoas se assustam com o crescimento do clericalismo (com seus ritos e paramentos ricos), fundamentalismos e, principalmente, o abandono dos pobres das igrejas.

2. Há especificidades de alguns países, que vivem em guerra ou no pós-guerra, como Angola e Moçambique, e outros que passaram por golpes civis, com a restauração da direita e da extrema-direita no poder. Mesmo países que conseguiram devolver a esquerda ao poder, enfrentam dificuldades para governar com a pressão da ultradireita fascista, que usa a mídia e as redes digitais para espalhar ódio e mentiras, desestabilizando, por medo, a militância social e política.

3. Neste contexto de medo e inseguranças em várias áreas, há muitas ações boas e importantes a destacar. Muitas igrejas e comunidades se organizaram para atender os mais pobres e vulneráveis, tanto socioeconomicamente quanto religiosamente. Na esfera socioeconômica, é o fornecimento de alimentos e outros bens e serviços não oferecidos pelo poder político, especialmente no momento da pandemia, que tem revelado e agravado a situação de exclusão e vulnerabilidade de um grande número de pessoas.

4. É evidente a necessidade de retomar e promover a prática ecumênica cotidiana de pessoas de diferentes igrejas, incluindo a expansão para relações inter-religiosas ou não religiosas.

5. No campo da formação também fica clara a necessidade de iniciar/continuar o trabalho de conscientização sobre a realidade, para compreender os mecanismos de dominação com vistas a realizar mudanças sociais.

6. Todos apontam para sinais de esperança e para a necessidade da participação da militância social e pastoral nas lutas pela mudança social. No campo religioso, é necessário um maior protagonismo e valorização secular em detrimento do que vem acontecendo atualmente, com o crescimento do grupo de leigos religiosos e até mesmo conservadores e moralistas, cooptados por modelos fundamentalistas.

7. Em relação aos compromissos assumidos ao final do curso em relação às ações no retorno aos lugares de origem, há um conjunto de respostas que indicam compromissos pessoais e outro, compromissos coletivos (pastorais e/ou sociais). Muitos dos compromissos assumidos revelam a continuidade de ações já realizadas e outra parte se propõe a assumir novos compromissos.

8. Devemos sempre ter esperança! A "esperança" que nos move a realizar ações formativas que mudam pessoas e pessoas...

Para o CESEEP, a proposta metodológica de construção coletiva do texto reflexivo com a temática do curso, avança para além do resultado (no caso, um caderno com texto reflexivo). Importa também e, principalmente, o processo de construção do texto.

Podemos dizer que a sistematização da aprendizagem é um exercício de compartilhamento de conhecimentos de onde cada um está em sua jornada, acrescido do processo de formação oferecido pelo orientador do curso, pelas experiências em comunidades e movimentos de luta, bem como pela vivência entre diferentes pessoas com culturas diferentes, de diferentes países.

Nesse processo é possível refletir sobre os *conteúdos* (teóricos e práticos), mas também vivenciar momentos em que os elementos constituintes da Educação Popular estão presentes. Enfatizamos a troca de práticas e a sistematização da aprendizagem, que inclui momentos de registro e reflexão individual, compartilhamento e debate em pequenos grupos e convívio com todos os participantes do curso para acertos finais do texto.

Todo esse processo foi acompanhado por uma pessoa da coordenação ampliada em cada um dos grupos de estudo e debate (presencial). Para o grupo online, o reembolso será feito via grupo de whatsapp do curso, indicado na inscrição. O texto final será publicado no site do CESEEP, com sugestões para que todos possam socializar em seus espaços sociais e redes digitais.

Gratidão a cada pessoa que participou da construção coletiva deste texto. Desejamos que todos retornem bem aos seus locais de origem, levando uma mensagem do curso para suas comunidades e/ou movimentos dos quais participam.

Grato abraço da coordenação do Curso Latino-Americano de Formação Pastoral 2023.

## **CESEEP**

### **Centro Ecumênico de Serviços à Evangelização e Educação Popular**

---

Avenida Brigadeiro Luís Antônio 993 Sala 205  
São Paulo – SP – Brasil  
CEP 01317-001  
Fone/Fax: (5511) 3105-1680  
[www.ceseep.org.br](http://www.ceseep.org.br)